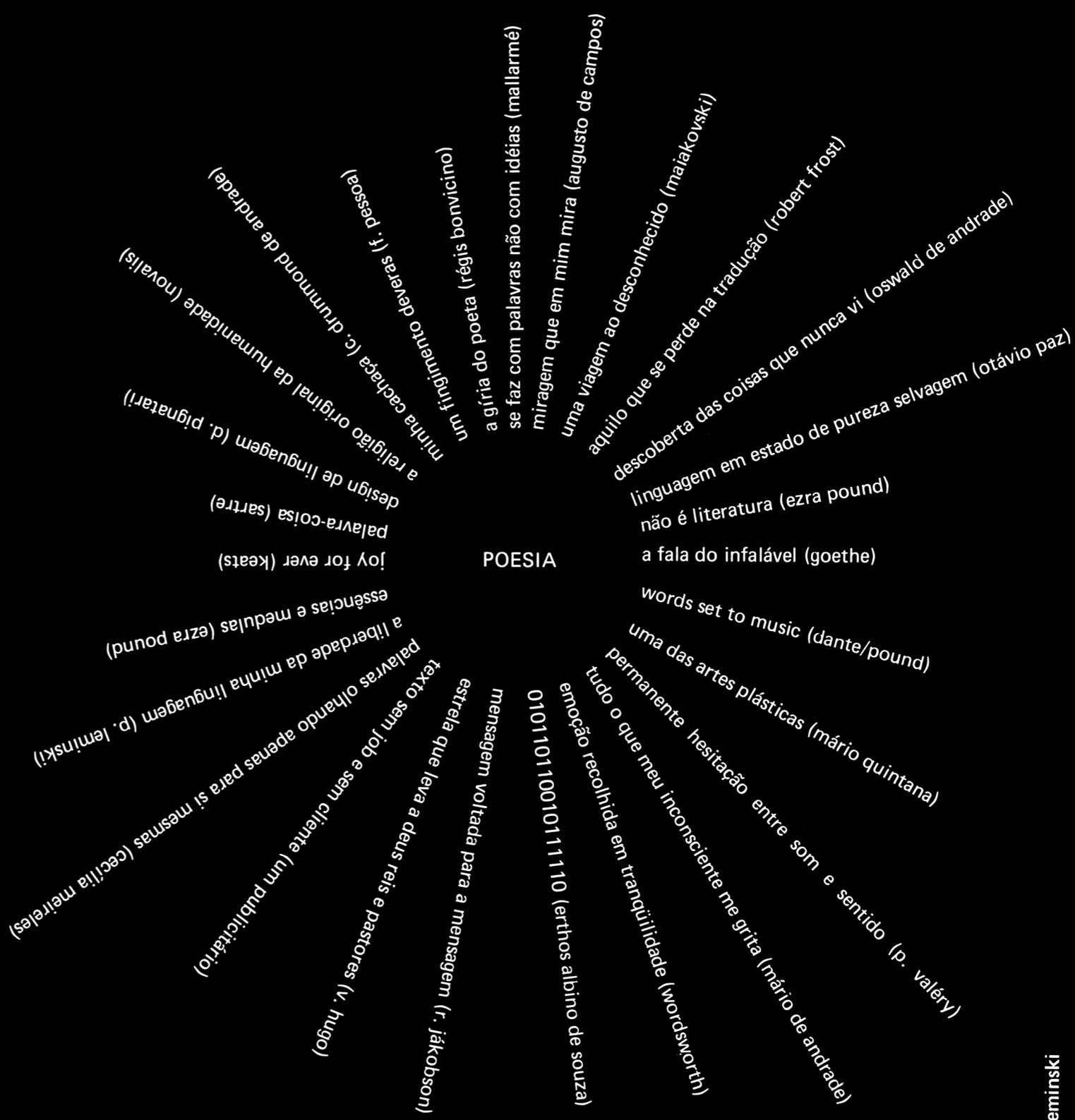


ORIGENS

lenora de Barros



paulo leminski

Disse o gato
pro rato:

Façamos um

trato. Pe-

rante o

tribunal

eu te de-

nuncia-

rei. Que

a justiça

se faça.

Vem, deixa

de negaça,

é preciso,

afinal,

que cum-

pramos

a lei.

Disse o

rato pro

gato:

– Um

julga-

mento

tal, sem

juiz nem

jurado,

seria um

disparate

– O juiz

e o jura-

do se-

rei eu,

disse

o ga-

to. e

tu,

ra-

to,

reu,

nato,

eu con-

de no

a

meu

pra-

to.

rolava na cama

(como quem

chama)

leve

(me leve)

e dizia com as pernas

até breve

PEGA, PAGU



pagu, oswald e rudá

Não resta desconfiança nenhuma que aprenderemos muito se começarmos vendo o que houve, como começaram, o que fizeram os franceses. Não há mal nenhum, nem o de uma ambientação "afrancesadora" de nossa literatura. Afinal, há tanto perigo nisto como nos automóveis, no bonde da Light, nas meias de nylon ou no cinema com miados e ganidos em inglês, mastigado por Hollywood, "hello bab !"

O mal, é o da falta de informação, o que deu a queixa de Antonio Cândido, enquanto o sr. José Lins do Rego continua fazendo seu romancinho naturalista e outros, mais avançados, como o mineiro Ciro dos Anjos, copiam o nhanduti de Machado de Assis.

CONTORNOS E DESVÃOS DE UM PANORAMA SUMÁRIO, 15.10.50

O Portinari que me desenhava a fisionomia dezenas e dezenas de vezes para fazer um quadro já não é o mesmo. Portinari de hoje, certo de sua glória — embora eu pense que ele deveria, em vez de glória e de dinheiro, buscar a arte... Pois Portinari daquele tempo que dava tanta esperança e que era um artista pobrinho, num apartamento de Laranjeiras, dessas casas coletivas quase improvisadas, Portinari que arriscava, perdeu ao ser colocado em mural no Ministério da Educação. Ali o engrandeceram, o enquadraram tanto dentro da ordem que ele acabou fazendo tudo certinho, e no final essa coisa carnavalesca que é o painel de Tiradentes.

CONTORNOS E DESVÃOS DE UM PANORAMA SUMÁRIO, 15.10.50

Qualquer imbecil a serviço da propaganda staliniana conhece bem o emprego dessa terminologia com que Camargo Guarnieri se põe a defender a música brasileira — folclórica principalmente — terminologia que se estadeia em coisas como "cosmopolitismo", "cerebralista", "anti-popular" e "anti-nacional" e também "arte degenerada", do empréstimo da linguagem hitleriana, diante de toda a arte moderna.

LÍVIO ABRAMO, UM PRÊMIO MERECIDO — CAMARGO GUARNIERI, UM MANIFESTO ANTIDODECAFÔNICO, 12.11.50

Não sei por que vicissitudes Tarsila não continuou a ser a grande pintora que vinha sendo entre 1925 e 1930. Não lhe adiantou nada à sensibilidade a sua viagem à Rússia. Aliás, o que é que podia mesmo adiantar? Ela como artista colocara-se marginalmente à camada social a que pertencia. Isto sem jamais deixar de ser individualizada, na sua criação e no seu esforço. A descoberta do social tendo produzido alguns quadros destroçadores de sua visão da vida. Tarsila retornou ao nível anterior da pintura gratuita. Não encontrei, entretanto, nela, nenhuma das descobertas mais de outrora...

TARSILA DO AMARAL VAI NOS DEVOLVER ALGUMA COISA DOS DIAS IDOS E VIVIDOS, EM SUA RETROSPECTIVA, 10.2.50

São Paulo aproveitará alguma coisa de Roberto Burle-Marx, conhecendo-o melhor.

Eu, se fosse prefeito, prendia Roberto no Ibirapuera e mandava que ele fizesse jardins para esta cidade de cimento. Mandava que ele consertasse o que há — a praça da República, por exemplo, com aquela sujeira feia que ela é. Mandava que plantasse o Parque Pedro II, e derrubaria quarteirões inteiros para que Roberto pudesse fazer jardins e mais jardins. Palavra que fazia.

UM "SCRIPT" DE ARCH BOLEER EM PANFLETO E A EXPOSIÇÃO DE BURLE-MARX NO MUSEU DE ARTE, 07.01.51

Ao invés de descansar, Cacilda Becker aparece no palco travestida de "Pega fogo", na velha e batida peça de Jules Renard, que nos chega depois de 50 anos de sova nos palcos parisienses. Desconhecendo tudo o que é teatro, o espectador teatral aceita a peça de Jules Renard e chora com Cacilda Becker.

CACILDA BECKER NO PEGA FOGO E ALGUMAS ADVERTÊNCIAS NECESSÁRIAS 04.02.51

Neste caso dos intelectuais, realmente, o melhor será deixar como está, para ver como é que ficam as coisas. Qualquer intervenção poderá ser até prejudicial ao talento dos nossos escritores, roman-

cistas e poetas. De vez em quando, uma nomeação, de vez em quando, uma promoção. E não é preciso mais. A carta ao presidente da República pode ser despachada com o indeferimento mais decidido, que nada se alterará. Não será com o bafejo das alturas e com a proteção do poder que poderão ser encontradas a inspiração, a poesia, a arte da prosa, os nossos Racines e Baudelaires. Não tem Divina Providência que nos salve, ainda mais uma Pública Providência.

**OS POETAS E ESCRITORES E O PODER PÚBLICO
APELADO A FAZER DE MECENAS 25.03.51**

“Le sacre du printemps”, com ter sido uma das grandes obras do modernismo musical, seguindo-se à revolução encabeçada pelo grupo dos seis, em Paris, não ficou uma peça hermética, desde logo, embora Jean Cocteau tenha lastimado na época a sua apresentação a um público que não a merecia e que não estava preparado para a sua grandeza. Entretanto, outra peça revolucionária, de mais marcante repercussão talvez, que é “Le Pierrot lunaire”, de Schoenberg, até hoje permanece combatida, ainda mais se contarmos a investida dos comunistas contra a inovação que representa...

**STRAWINSKI NO RIO, “O ANJO DE SAL”, UM
CONGRESSO E APELO AO MECENAS DA PIN-
TURA 01.04.1951**

Silvio Romero foi um barulhento demolidor. Sabem? Pois se não sabem vão saber. Foi Silvio Romero que fez uma série “contra” (o homem lerdo, o folha morta, sempre foi “do contra”) o “Romantismo no Brasil” que é ainda gostoso saborear em cada trechinho. Considera logo a poesia de Gonçalves Dias apenas um equívoco, quando ele dizia ter criado “uma poesia nacional do Brasil” — e Silvio Romero a repicar: “A chamada poesia indiana é uma poesia bifronte, que não é brasileira nem indígena.”

**ANTOLOGIA DE SILVIO ROMERO NO SÁBADO,
CONTOS DE UM MESTRE E A ARQUITETURA
22.04.51**

André Breton, o chefe de fila, pretendeu tanto subordinar uma parte dos seus dados de trabalho ao processo psicanalítico que chegou a procurar pessoalmente Freud, a fim de ver se era possível uma conciliação entre a pesquisa científica do médico vienense e a sua literatura. O resultado está numa chocha entrevista que Breton publicou em “Les pas perdus”... Não resta dúvida, para mim, que foi um passo perdido.

**PASSAM PELA “A PORTA” 8 PERSONAGENS
A PROCURA DE UM AUTOR E UMA PEÇA
29.04.51**

Acontece que Clovis Graciano continua a ser um pequeno pintor. A sua técnica — nem esta — permanece satisfeita nas transparências obtidas; o seu desenho não sustenta essa pintura plasticamente ausente; o seu colorido trai a pobreza da vocação e da sensibilidade; as soluções ao longo de todos esses quadros vendidos e por vender — eram tão poucos os que faltava vender na sexta-feira —, as soluções, dizia eu, continuam lamentavelmente lamentáveis.

**QUATRO ARTISTAS DE UMA CAJADADA:
A BAILARINA, A ESCULTORA, DOIS PINTO-
RES 5.06.51**

(De uma série de artigos publicados por Patrícia Galvão no jornal FANFULLA, em 1950/51, coligidos por Erthos Albino de Souza. Os fragmentos foram selecionados por Augusto de Campos)

de signantia: quasi caelum

Magma

a sombra fóssil de um peixe

escava aqui

a pedra

buril de quantos

mil

anos?

Déndron:

árvore

esta pedra

arboriza-se por dentro

está

inscrita: lê-se

de si

mesma

O instante				um tigre dormindo
é pluma			céu: pistilos	a locusta: suas
seu holograma			faíscas do sagrado sob um ponteiro de diamante	mandíbulas
radia	estável			
como quem olha pelo cristal			escrever no vidro sentenças de vidro	a flor
do tempo			in visíveis	garras
	feixe fixo			
	de luz			um peso
(já não se vê se o olho deixa sua seteira)				pênsil
				sangue osso carne músculo
	prisma			assim o
		o sol		pincel
		chove		
		de um teto		na página
		zenital		
				esta
				arte
				ou o
elipse: um estilo de persianas				caráter

uma dança

de espadas

esta

escrita

delirante

lâminas cursivas

a lua

entre dois

dragões

com uma haste

de bambu

passar

por entre lianas

sem desenredá-las

o índigo é um caso do azul?



foto: regina vater

JOHN CAGE: DOIS TOQUES PARA O BRASIL

PRIMEIRO TOQUE

(A entrevista foi feita em Nova Iorque, em agosto de 1974, pelo reporter Hélio Costa da TV – Globo, e, apenas em parte, apresentada no “Fantástico”; as perguntas foram parcialmente formuladas por Julio Medaglia; a reconstrução do texto da entrevista em fita gravada foi feita com a colaboração de Ruth Adele Dafoe; tradução de Haroldo de Campos)

1 — Os meios de comunicação contribuíram para transformar o mundo num grande “happening” musical, ou para poluí-lo sonoramente?

JC — Essa pergunta é espantosa. Acho que os meios de comunicação têm uma grande influência sobre o que consideramos “happening”. Para começar, já não pensamos em um lugar apenas, mas sim, no mundo inteiro. Ou seja, agora não só pensa-

mos nas pessoas que vemos, como também nas pessoas que não podemos ver. O caso Watergate, por exemplo, me parece ser o mais longo “happening” que já aconteceu, e tudo indica que vai continuar a sê-lo ainda por um bom tempo. Espero que volte a ser televisionado. Penso que, cada vez mais, as atividades de nossos governos deveriam ser divulgadas assim.

2 — Você acha que o “happening” sobreviverá?

JC — Bem, acredito que sobreviverá, como todas as coisas do passado sobrevivem. Assim, as coisas que descobrimos agora continuarão a sobreviver, pois quando elas cessam, alguém sempre descobre que existiram e as revive outra vez. Acho que, à medida que continuamos, mesmo quando temos novas idéias, tudo o que conseguimos fazer é nos tornarmos mais ricos, porque as velhas idéias permanecem conosco. Está claro?

3 — John, você acha que, num “happening”, o músico tem que ser mais ator do que músico?

JC – Isso varia de acordo com o que está sendo feito. Se ele estiver fazendo sons, é claro, estará atuando mais como um músico. Se não estiver fazendo sons, então deverá agir mais como um ator. A idéia do “happening” é simplesmente a de que muitas coisas podem ocorrer simultaneamente, em vez de umas servirem de suporte às outras, como acontece, por exemplo, numa peça de Shakespeare.

4 – Qual é a sua opinião sobre o jazz e o rock?

JC – O jazz lida mais com as penas e as provações da vida pessoal. Estou pensando numa bela canção chamada “Empty Bed Blues”... Já o rock, não tanto agora, mas quando ele apareceu, estava mais ligado à situação da sociedade e à idéia de transformá-la um pouco para melhor.

5 – O que você faz tem alguma coisa a ver com essas músicas de consumo?

JC – Antes havia uma grande diferença entre a assim-chamada música popular e a assim-chamada música séria. Mas eu penso que, devido à nossa tecnologia, isto é, os microfones, os amplificadores, os altofalantes, usados em comum pela nova música séria e pela música popular, uma ponte passou a existir entre as duas, e que, cada vez mais, essas coisas que estavam separadas vão-se unindo.

6 – E o que você está fazendo agora?

JC – Entre outras coisas, estou escrevendo uma série de 32 estudos para piano. Estou também escrevendo um longo, acho que se poderia chamá-lo de trabalho literário, denominado “Empty Words” (Palavras Vazias), que lida com a linguagem livre da sintaxe, de modo que as palavras simplesmente flutuam no espaço e são passíveis de uma variedade de interpretações. Uma outra coisa que estou fazendo agora é escrever uma obra para orquestra, que será executada em Minneapolis no fim de setembro. Assim, não me sobra muito tempo para caçar os meus cogumelos.

7 – De onde vem o seu interesse por cogumelos?

JC – Bem, em 1955 eu me mudei para Stony Point, a 35 milhas de Nova Iorque, e comecei a andar pela mata e descobri que estava faminto pela natureza.

Anteriormente, eu tinha vivido sempre nas cidades, como ainda vivo, mas por um certo tempo, de 1954 até, digamos, 1960, mais ou menos, eu era relativamente, ah... eu era já bem conhecido, mas não tão conhecido como agora, de modo que eu tinha muito tempo livre de que ninguém precisava e assim eu podia passar dias sozinho andando pela mata.

8 – Onde você os cultiva?

JC – Eu não os cultivo. Eu caço cogumelos! Acontece que eles começam a crescer por volta do fim do mês de agosto. É em agosto, aqui em Nova Iorque, que os cogumelos crescem tão esplendorosamente, e eles são, é claro, a esta altura do ano, as cores mais belas que se vê, no chão da floresta – todas as cores: vermelho, verde, púrpura, amarelo, laranja, o que você quiser. E, como uma criança, fui atraído para essas cores esplêndidas, e eu me lembro que durante a Depressão, no começo da década de 20, eu consegui sobreviver, sem ter dinheiro, eu consegui sobreviver simplesmente comendo cogumelos, e decidi aprender, tanto quanto me era possível, a diferença entre os que eram mortalmente venenosos e os que eram bons para comer. De então para cá, com alguns amigos, ajudei a fundar a Sociedade Ecológica de Nova Iorque, e hoje há cerca de uma centena de pessoas que todos os domingos saem pelas matas em localidades próximas de Nova Iorque à procura de cogumelos.

9 – John, você diz que foi ao campo procurar a natureza. Você não acha que o silêncio é profundamente musical?

JC – Sim, acho... Meu primeiro livro se chama “Silêncio” e, naturalmente, é sobre sons. Quando me mudei para o campo, fiquei surpreso ao descobrir que os pássaros faziam mais ruído que a maioria dos sons que ouvimos na cidade. O silêncio, na realidade, não existe. Nunca existe uma ausência de som, que é como os dicionários definem o silêncio. O silêncio é simplesmente... uma questão mental. Uma questão de saber se uma pessoa está escutando os sons que está fazendo ou provocando, ou se está escutando os sons que não está provocando. Não sou eu que faço os pássaros cantarem, mas eu os ouço e não estou falando: a isso chamamos de

silêncio. O silêncio é um meio de ouvirmos o que nos cerca.

10 – Vamos mudar o nosso assunto para a poesia. Você conhece a poesia concreta brasileira?

JC – Conheço algumas obras de Augusto de Campos e as admiro muito. Penso que a importância da poesia concreta está em que ela liberta a linguagem da sintaxe, deixando os leitores livres para se tornarem, eles próprios, poetas e, como Marcel Duchamp queria, completarem a obra de arte. Ela aproxima o leitor e o poeta, reúne um ao outro.

11 – E John, você acha que há alguma coisa em comum entre o que você faz e esse tipo de poesia?

JC – I hope so. Espero que sim.

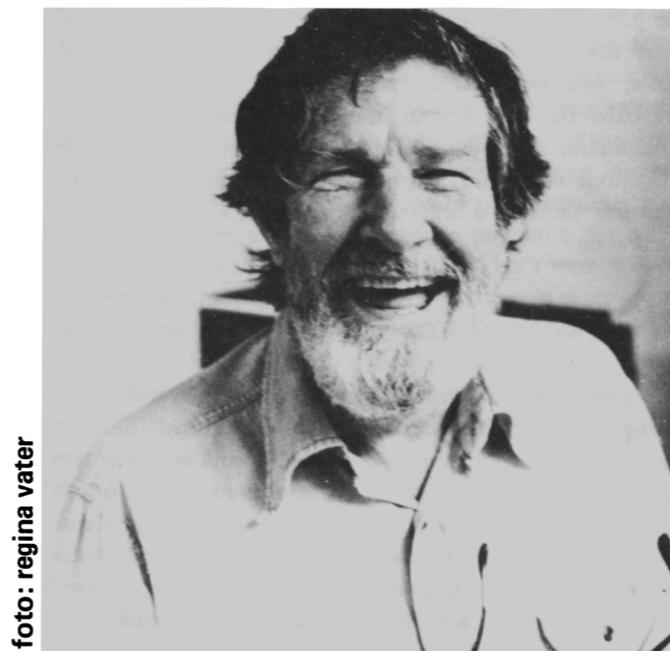


foto: regina vater

SEGUNDO TOQUE

(De uma entrevista concedida a Regina Vater, em Nova Iorque, no verão de 1976)

RUÍDOS E PESSOAS

– Estudando a natureza dos sons, cheguei à conclusão de que, se de um lado temos o som, de outro lado temos o silêncio. No caso do som, temos altura, intensidade, timbre, e existe duração, tempo. O som tem todas essas características e o silêncio só tem duração. Parecia-me que o tempo era mais importante do que a altura e que basear a música, como Schoenberg, em harmonia e tonalidade, era um erro, pois a música deveria se basear no tempo em vez de na altura da nota musical. Se fosse baseada no tempo, os ruídos, por exemplo, poderiam ser usados na música e eles estariam aptos a entrar no que nós chamamos “lar” da música e ser bem-vindos. Mas se a tonalidade fosse a base da música, os ruídos precisariam ser mantidos fora dela. Eu penso que um princípio semelhante precisa ser apreendido, no caso da sociedade. Se você tem, por exemplo, na sociedade pessoas que se parecem com ruídos, em vez de colocá-las em prisões ou mantê-las fora da estrutura social, a estrutura social é que deve mudar para que elas sejam tão bem-vindas como as “boas”, você não acha? (riso).

BRANCOS E NEGROS

– Penso que a história dos EE.UU. poderia se chamar a história dos negros, mais do que a história dos brancos. No tempo da nossa revolução nós não ligávamos para os negros, nós considerávamos que era absolutamente natural e certo ter escravos, e aproximadamente 100 anos mais tarde, estávamos divididos pela guerra civil e em lugar de dar liberdade aos negros, o que era o propósito da guerra, mesmo tendo acabado de vencer a guerra pelos negros, nós não agimos dessa forma. E acho que a razão disso foi porque nos tornamos gananciosos. Por essa época a nossa industrialização começava e ainda necessitávamos dos negros reprimidos para os termos como trabalhadores. Mas agora você pode ver muitas mudanças, não mudanças suficientes, mas, em todo caso, mudanças. De modo que podemos imaginar o futuro, se continuarem as mudanças como no passado. Nós temos direito a algum otimismo.

– É, nós precisamos.

– É, nós temos um pequeno direito.

– Existem coisas más acontecendo por aqui. Por exemplo, as pessoas que têm algum dinheiro estão deixando a cidade

pelo campo, que é mais agradável. Nas cidades ficam as pessoas pobres, na maior parte negros ou outras minorias que não têm dinheiro para deixá-las. Então, algumas cidades dos EE.UU. estão se tornando negras. Detroit, por exemplo, e St. Louis. É curioso, em St. Louis, entrei numa loja no centro da cidade, para comprar um par de blujeans novos, e lá os vendedores eram todos brancos e os compradores, todos negros. Este não é o melhor futuro, pois, no futuro correto, todos deveriam estar juntos.

ACASO CONTRA EGO

— No final dos anos 30, eu me tornei profundamente envolvido, não com a psicanálise, de que eu pensava que precisava, mas com a filosofia oriental, e tive a felicidade de estudar com Suzuki, por dois anos, em Columbia, e o visitei por duas vezes no Japão, dois ou três anos, e isto naturalmente afetou a minha música. Para mim, a estrutura da música, em vez de se basear na tonalidade, teria mais a ver com o tempo. Depois eu comecei a perceber, gradualmente, que não havia necessidade de estrutura, e que nós poderíamos ter uma música que não fosse como um objeto, mas como um processo. Nós não podemos dizer, por exemplo, quando o tempo (clima) começa ou acaba e é isso o que eu quero dizer com processo, e nós poderíamos ter então uma música que fosse como o tempo (clima).

Daí eu comecei a usar operações de acaso, como o I Ching, em 1951/52, para libertar a música da minha memória e do meu gosto, porque cada um de nós, quer queira quer não, desenvolve preferências,, e alguma forma de disciplina do Ego é necessária para libertar a pessoa de si mesma. Não importa quão livre a pessoa seja, ela desenvolve preferências e tende a se fechar às experiências, quando não são as experiências de que ela gosta. Daí a necessidade de uma certa forma de disciplina, de uma certa forma de controle do Ego, para permitir à pessoa experimentar coisas de que ela não gosta, para permitir uma mudança em nossa mente. É uma disciplina para mudar a nós mesmos. Por exemplo, imagine que todos os músicos modernos decidam que as oitavas e as quintas não são tão boas e que boas serão provavelmente as segundas e as sétimas, dissonâncias em vez de consonâncias. Mas se você usa operações de acaso, as consonâncias têm tantas oportunidades quanto as dissonâncias.

Voltando ao problema dos negros. Os negros deveriam ter tantas oportunidades quanto os brancos. É novamente uma questão de disciplina. A sociedade não é suficientemente disciplinada. Ela é organizada de modo que as pessoas que têm dinheiro possam ter as melhores casas. Mas o que as pessoas precisam é ter uma disciplina para que todo o mundo possa ter o de que realmente necessita.

Assim, eu uso a disciplina das operações de acaso e por causa disso uso o I Ching, para poder mudar a minha mente a respeito da música, mudar a minha própria música, e através dela espero mudar a mente dos meus ouvintes. Isso nos leva para a música mais recente, primeiro para as operações de acaso, depois para um princípio que nós chamamos de “indeterminação”. Em 58, quando eu fazia conferências em Darmstadt, eu falava sobre três assuntos: mudanças, indeterminação e comunicação. Eu acredito que qualquer coisa comunica e nós não temos a responsabilidade de comunicar pelo jeito com que falamos. Eu me comunico tão bem não dizendo nada como dizendo alguma coisa.

— Isso é muito Zen!

— Mas é muito cristão, também. Jesus, diante dos lírios do campo, disse: — Veja, eles não fazem nada... (riso) — Não funciona? (riso)

Agora, eu posso dizer que a natureza daquelas flores inexpressivas era muito expressiva e elas não dizem uma palavra.

IDÉIAS ALEMÃS

— Nossos ensinamentos, nossas idéias, particularmente a respeito de música, têm sido controladas em grande parte por idéias alemãs, e ainda hoje a gente continua a ver isso. Outro dia peguei umas conferências que Stravinski fez na Universidade de Harvard, chamadas “Poetics”, e fui direto ao final, porque geralmente é no final dos livros que eles costumam dizer do que é que se trata (riso). E ele dizia que o que lhe interessava era a unidade na situação de variedade, e que ele gostaria de encontrar uma única coisa que juntasse todas as diferenças. A gente acredita nessas idéias até começar a examiná-las. (riso) Quando, finalmente, nós examinamos aquela idéia, vamos chegar à conclusão de que é uma idéia puramente alemã. (riso) É realmente uma idéia fascista. Que quer encontrar não a negritude nos negros e a brancura nos brancos, mas quer encontrar também a brancura nos negros, e quer que tudo seja branco.

XADREZ E COGUMELoS

— O xadrez é uma situação em que você não pode usar operações de acaso, porque se você o faz, você perde o jogo. Você precisa ganhar. A filosofia alemã nunca entendeu como você pode usar o acaso algumas vezes e não usá-lo em outras. Por isso é que eles insistem na unidade. Eles procuram continuamente o segredo que poderia se aplicar a todas as circunstâncias. Marcel (Duchamp) aprendeu, e eu, também, através da filosofia indiana, que algumas vezes você usa o acaso e outras, não. E os cogumelos

são uma dessas circunstâncias em que você não pode usar o acaso, porque você corre o risco de se matar.

A filosofia indiana é dividida em quatro departamentos, como um Department Store... (riso) **Artha**, que é a área do sucesso, onde você precisa ganhar, que inclui o xadrez, que inclui a guerra, que inclui procurar cogumelos e saber distinguir os venenosos dos não-venenosos; **Kama**, que é a área da arte e do sexo, na qual você dá prazer; **Dharma**, baseada no verdadeiro e no falso, no bem e no mal; e **Moksha**, que é a liberação, a liberdade de todos. Se os alemães tivessem essas idéias das quatro diferentes áreas, eles iam dizer obviamente que **Moksha** era a melhor de todas e que nós precisamos ser liberados. Mas a verdade é que algumas vezes nós nos liberamos, algumas vezes nós nos opomos ao mal com o bem, algumas vezes damos prazer, algumas vezes tentamos vencer, e nós fazemos tudo isso de uma vez.

“INTERMEDIA”

— E agora estamos começando a lidar com “intermedia” nas artes, e já não temos somente pintura, música e teatro, mas um gênero de teatro a que chamamos de “happening”, que saiu da música ou da pintura, ou temos o trabalho de um Augusto de Campos, que está entre a poesia e o objeto, e que pode ser um objeto, ou um poema, ou uma filosofia, etc. E nós não podemos insistir em que as coisas fiquem num só lugar. Então, podemos dizer que as quatro áreas da filosofia indiana não são imóveis, mas interpenetráveis e flexíveis. **Kama**, que dá prazer, pode se mover em direção ao sucesso, em direção a **Artha**, em direção ao ganhar, e um exemplo disso é a obra de Buckminster Fuller. Ele não pensa se sua arquitetura é ou não bonita, ele tenta resolver o problema da maneira a mais econômica possível. E é por isso que ele fez os seus domos geodésicos, porque eles não pesam tanto quanto as construções retangulares e usam menos material, podendo abrigar o maior número de pessoas possível e relacionar os recursos naturais com os seres humanos, de modo que todos tenham o que precisam; e assim nós usamos menos material para termos casas mais fortes. Quando ele termina uma dessas casas ele as acha bonitas. Assim, a beleza veio depois, **Artha** primeiro. No caso de Fuller, o seu trabalho está entre o bonito e o útil. E essa idéia de funcionalidade na arquitetura do século 20 é resultante de um pensamento de “intermedia”, interfilosófico.

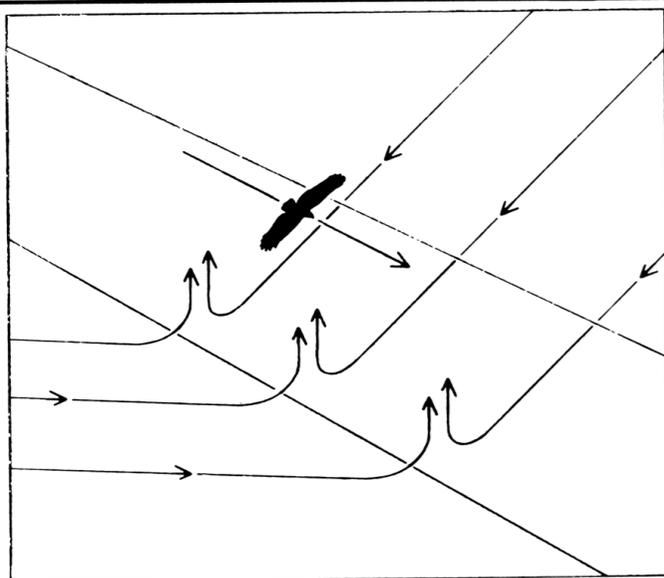
O que nós provavelmente desejaríamos para a nossa sociedade seria uma mistura, uma “intermedia” entre **Moksha** (liberação) e **Artha** (sucesso), que teria um caráter não-violento. Então, sem governos, somente com as utilidades, todo mundo teria o que precisasse e nós não teríamos que estar lutando uns contra os outros para ter o que

as outras pessoas têm.

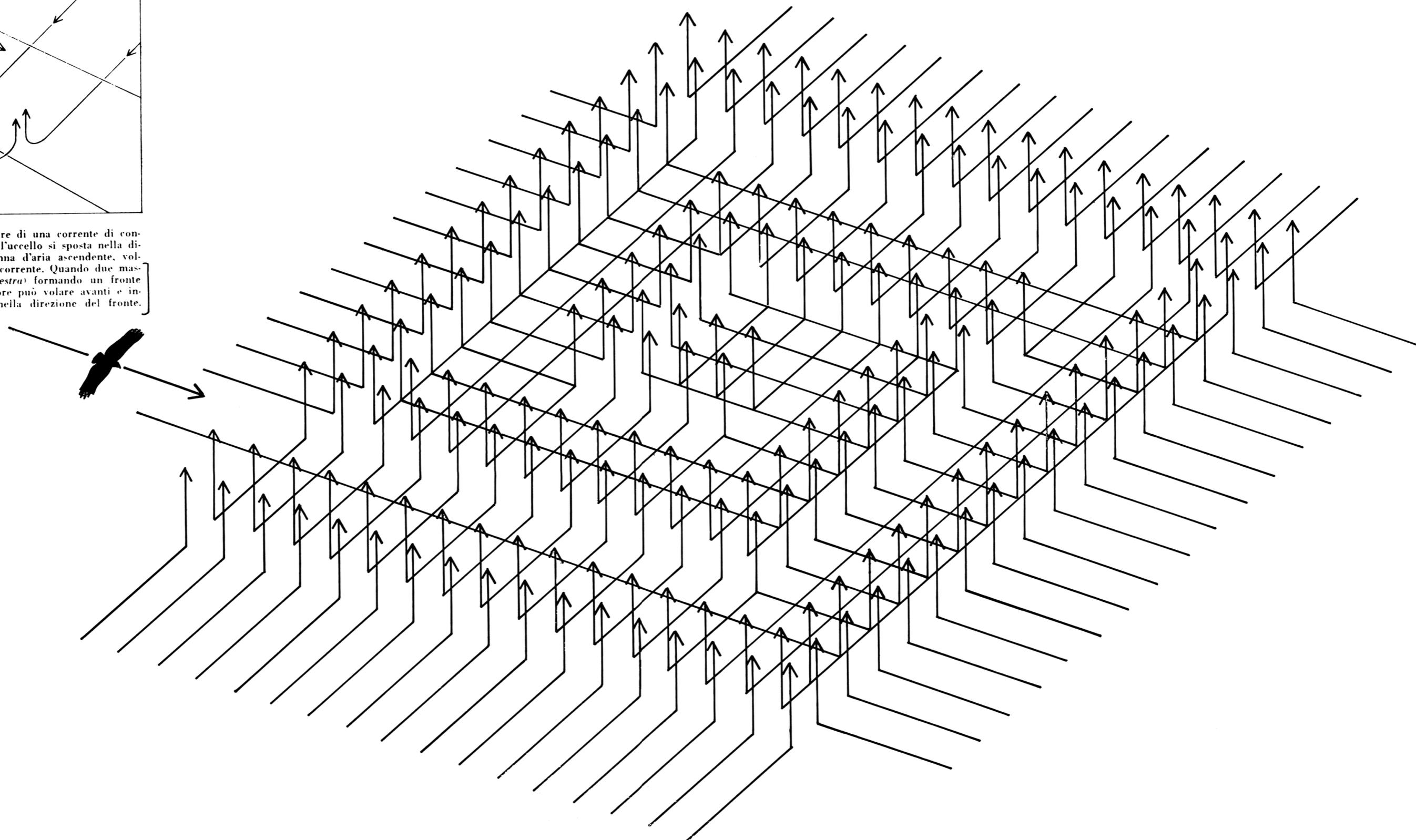
MUDAR PELA CRIAÇÃO

— Na noite passada, na TV, você deve ter visto a revolução que ocorre na África do Sul. Eu penso que é inevitável, inevitável. É a nossa tecnologia que acaba resolvendo os problemas, pois não importa quão pobre você seja, você não pode evitar a TV. E se você vê televisão, você vê os comerciais, e se você vê os comerciais, você vê que o mundo não é somente feito de gente pobre. E você começa a pensar. Então, algumas mudanças felizmente terão lugar. Lamentavelmente, parece que na África do Sul elas serão violentas. Seria bom se pudéssemos fazer as nossas mudanças sem violência. Isto é, como as mudanças que se fazem na arte. A razão porque nós poderíamos ter mudanças sociais não-violentas é porque nós sabemos que temos mudanças não-violentas na arte. Em outras palavras, nós não devemos acreditar que só podemos mudar ma-tando, porque é possível mudar pela criação.

LABIRINTO PARA ABUTRE · REGINA SILVEIRA · 74



collina (in mezzo). Per poter usufruire di una corrente di convezione termica (in basso a sinistra) l'uccello si sposta nella direzione del vento assieme alla colonna d'aria ascendente, volteggiando in cerchi all'interno della corrente. Quando due masse d'aria convergono (in basso a destra) formando un fronte d'aria ascendente, l'uccello veleggiatore può volare avanti e indietro oppure partire decisamente nella direzione del fronte.



a máquina
engole página
cospe poema
engole página
cospe propaganda

MAIÚSCULAS
minúsculas

a máquina
engole carbono
cospe cópia
cospe cópia
engole poeta
cospe prosa

MINÚSCULAS
maiúsculas

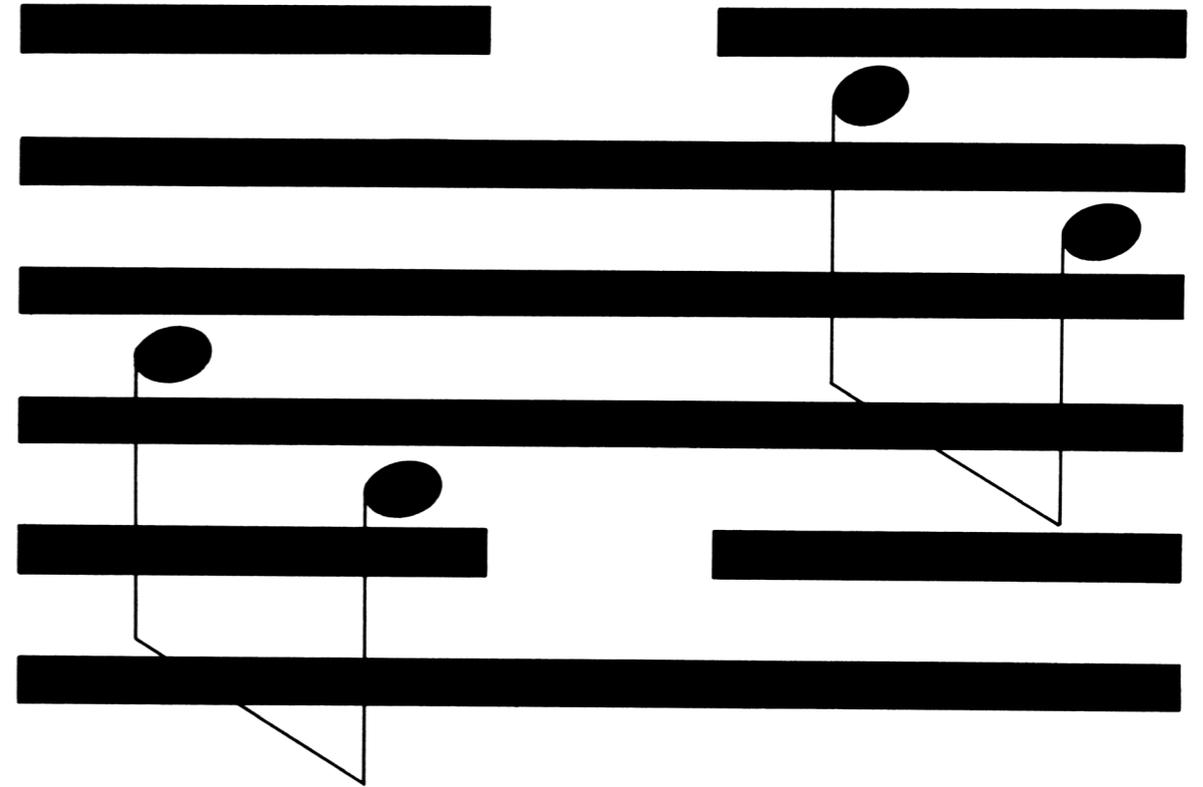
SERPENTÁRIO

Bothrops corrupta
Ora pro nobis
Bothrops jararaca
Labora pro nobis
Bothrops alternata
Ora pro nobis
Bothrops jararacuçu
Labora pro nobis
Bothrops atrox
Ora pro nobis
Bothrops erythromelas
Labora pro nobis
Bothrops bilineata
Ora pro nobis
Lachesis muta
Labora pro nobis
Micrurus frontalis
Ora pro nobis
Micrurus corallinus
Labora pro nobis
Micrurus decoratus
Ora pro nobis
Crotalus terrificus
Labora pro nobis
Bothrops subversa
Ora pro nobis

de sol a sol

o sol
o que é
do sol
e ao sol
se espalha

não vale
para mim
e minha amiga
(a sós,
sob o lençol)
mais que migalha



CAGE: CHANCE: CHANGE
pentahexagram for john cage

ira no papel? amor no papel? ferida no papel

poesia no papel? alma no papel?

ar no papel? tempo no papel?

suicídio no papel?

paisagem no papel? água no papel? som no papel?

baba no papel?

luz no papel? margem no papel?

selva no papel? coxas no papel?

esperma no papel?

vida no papel?

jantar no papel? desejo no papel?

estrela no papel? sexo no papel?

ave no papel? riso no papel?

miséria no papel? olhar no papel? fuga no papel?

homem no papel?

azul no papel? areia no papel?

perfume no papel?

ventre no papel? nada no papel? caverna no papel?

mar no papel?

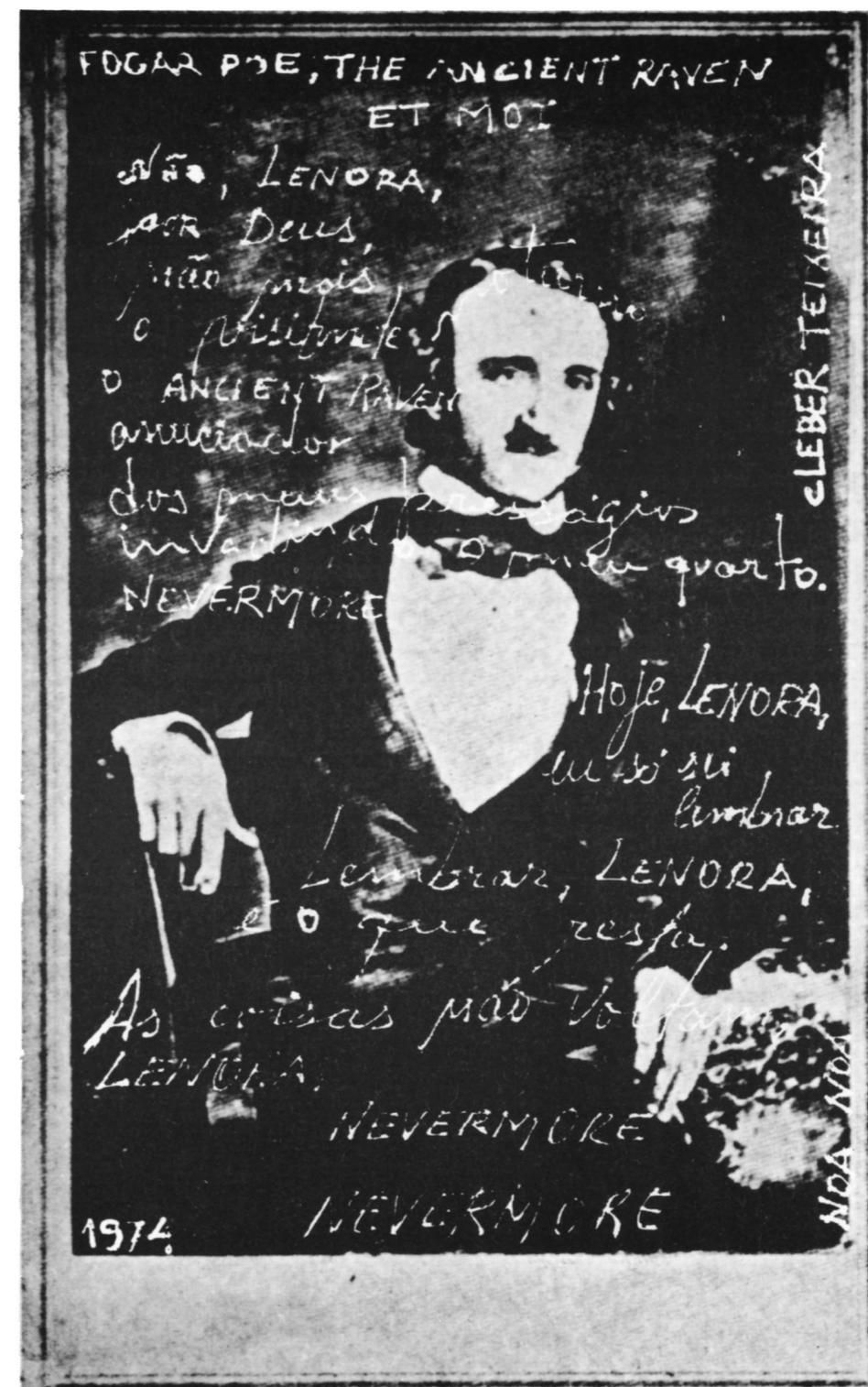
átomo no papel?

ruínas de papel?

deserto no papel?

papel no papel?

céu de papel?



TATUTUREMA

SOUSÂNDRADE

episódio infernal do
canto segundo do "guesa"

CANTO SEGUNDO.

25

(MURANA *historica* :)

—Os primeiros fizeram
As escovas de nós ;
Nossas filhas roubavam,
Logravam

E vendiam após.
(TEATINA *a s'embalar na rede e querendo sua independência* :)

—Carimbavam as facas
Bocetadas em flor,
Altos seios carnudos,
Ponctudos,

Onde ha sestras de amor.

(MURA *comprada escrava a onze lêmbras* :)

—Por gentil mocetona,

Boa prata de lei.

(Ou a saya de chita

Borita,

Dava *pro-rata* el-rei.

(TUPINAMBÁ *avertido por um lustro nos mans*

PORTUGUEZES :)

—Currupiras os cansem

No caminho ao calor,

Parinthinhs orelhudos,

Trombudos.

Dos desertos horror !

(*Côro dos Índios* :)

—Mas os tempos mudaram,

Já não se anda mais nú :

Hoje o padre que folga,

Que empolga,

Vem connosco ao *tatú*.

(TAGUABUNESSÉ *conciador ; côro em desordem* :)

—Eram dias do estanco,

Dus conquistas da Fé

Por salvar tanto impio

Gentio . . .

—Maranduba, abaré ! . . .

Do agudo ao grave, *mémicó* desto,

Entrando frei Neptunus ventania :

Siu ! macaca veoz, Maccé-Sophia,

Medindo-lhe o capuz, de um salto vou !

26

O GUESA.

E lá vão ! e lá vão ! pernas e braços

A *revirg* Maccé, que solavaicos

Que o frade leva, aos trancos e barraucos,

Ehfre appiauos gerues, palmas, fraccassos !

Olha o vigário ! a face da Tecuma

Com que mãos carinhosos afagando !

Guai ! como a vestia sancta abre-se e enfuma

Lascava evolução, se destraldando !

Uma torceu o pé, juncto á candeu

Sentada está, cantando ao seu propheta :

Outra ao Guesa arrebata, enlaça, enleia

Em voltas scintillantes qual a setta !

(NEPTUNUS SANCTORUM *entrando pestilento* :)

—*Intraího*, senhoras,

São-vos olhos quebrados,

Damnados

Nesta noite de horror !

(*Padre EXCELSIOR, respondendo* :)

—*Inlorum libertate*

Saleu, ferva *cauiu*

Que nas veias titilla

Scintilla

No prazer do festim !

(*Côro das Indias* :)

—A grinalda teçamos

As cabeças de lua :

Onca ! yac-táá !

Táá-yrá,

Glorias da carne crua !

(*Filho HUMATA pruchado* :)

—Senhor padre coroudo,

Fuça roda com todas . . .

A catinga já fede !

De sede

Suçuaranas são doudas !

(ABREU-LIMA *mirraçado o ve cídís romana* :)

—São sagradas as fontes,

Lede as leis, dom Vital :

Vinte milhões de lebres

Com febres

Causa d'um pantanal.

CANTO SEGUNDO.

27

(*Côro cynico dos vigários* :)

—*Macachera ! Oucha ! Quaquá !*

Coraci ! que perder

N'estes tons tão nocturnos !

Albornos

Do olho morto sem ver !

(*Perulera sacerdotisa matando reis de França* :)

—*Cui* espirito tuo

São Coatis sacristiãos,

Dea Eliza é vigária

Yankária

Das . . . *magnetiisações !*

(*Vigários, ebrios saindo do tatuturema, insultam*

sagrados tumúos ; a Voz :)

—Escarremos immundos

N'estas trevas !

—Jehovah

D'ahi, o'negro vampiro,

Ao deírio

Teu em luzes fará !

(GONÇALVES-DIAS *falando dos marcs* :)

—, Vão nas conchas involtos

Volver campá os *tatús* :

Vão derviches aos banjos ;

Só anjos

Vão com flor a Jesus.

Falando dos sepulchros, GOMES-DE-SOUSA,

DR. VILHENA e M. HOVER :)

—Deus é X no horizonte ? . . .

—Governistas dão leis ? . . .

—Tendo á rama a sciencia,

A consciencia

Da uva á queda vereis ? . . .

(*A que torceu o pé* :)

—Geme em Venezuela

Alexandre-Sumé ;

Voz dos ermos, andando,

Ensinando,

Com seu canto de fé.

(*Vate d'Egas e NEPTUNUS, caréas e trocadilhos* :)

—Repartia São Pedro

Os thesoiros da Sé :

— *Deo date* quem pode,
Promode
Dilatação da Fé.

(*Regatas negociando á margem:*)

— Hade dar o compadre
Pelo espelho *arid*
Trinta libras de gomma
Na somma

— Não, *Curtia*, não dá.
(*DESALEMATO negociante passando lavadeiras para a
Praiegrande: Jôões-sem-terra cantando á viola:*)

— Suppimentos, madamas,
D'esta casa terio;
Faguem desconhecidos
Maridos

— Do, lan, dro, la, don, drão,
(LAZARO DE MELLO *da sobre-tilta escola:*)
Moedas trinta; e a cabeça
Quer de quem nos criou
Se dá mais capitão,
Requimão

Risca, o Governadô:

(*Das casadas agitadas e commandadotes:*)

— De uns arrotos do demo,
No *rivera* se haver
— Vculha a nós papelorio
Do empório,

E de Congo o saber.

(*Danças da nobreza:*)

— Não peceisa prendê

Quem tem pretos p' herdã

E escrivão p' escrevê;

Basta tê

Burra d'ouro e casã.

(*Esbravos agitando ás milagrosas imagens:*)

— Só jã são senhózinhos

Netos d'imperadô;

Tudo preto tã fórrô;

Cáchorro

Tudo branco ficou!

(*GEORGE e PEDRO, liberdade-libertinagem:*)

— Tendo nós cofres publicos,
Livre-se a escravidão!

Comam ratos aos gatos!

Pilatus

Disse, lavando a mão,
(*Principes declinando do thesouro em favor da in-
strução pública:*)

Tribus ha que não pagam
Ao seu legislador,
Patriotas honrados,

Anados,

Só da patria ao amor.

*Ministro portiguez avaliando títulos de honra a
brazileiros que não tem:*

— Quem de coito damnado

Não dirã que vens tu?

Moeda falsa és, esturro

Caturro,

D'excellencia tatú!

(*TIMON D'ATHENAS lendo CAMÕES e VIRGILIO:*)

— Morrer ' morte macaca,

Pelo ' engenho central?

Carceis . . . d'Hoeyr-alma

Aurea palma

E de Sã-cannavial!

(*Moral educação prática:*)

— A mulher, é Jovita;

O homeni, Bennettctio;

Oh! faz Hudson-*metubusiness*,

Fredores:

Amazonas, poltrão!

(*Titulares protestando:*)

— Compra-tit' lo azviteiro

Conde-accende tatú;

Todos 'sto com inveja

Da vieja

Luiza-Creca-Fi-Fu!

(*Committentes dando graas em disparates:*)

Ora, Simão-Samario

Compra apost' lo-poder

De curar, pondo a mão,

Maranhão

De sol, lua e mulher!

(*Alvejadeiras no arcad:*)

— Tanto quorum concorre,

Que nem nembro já tem:

Medalhões, embolados

Dourados,

Figas! . . . vejam quem vem!

(*Exchos das nuvens:*)

— Há trovões no Parnaso,

São dos cumes a luz;

Quando vem Fomagáta,

Em cascata

Terra-inundam tãtús!

(*Voz degmatira de fóra:*)

— Luzo-hispano-brazilio

Antro de Belzebubs!

Lacio em fim! . . . Reis, da raça

Da graça;

Reis, dos antros . . . da luz!

(*KONIAN-BEBE rugindo:*)

— Missionario barbado,

Que vens lá da missão,

Tu não vais á taberna,

Que interna

Tens-n'a em teu coração!

(*RODRIGO, das naus de COLUMBUS passando-se para
outros deuses:*)

— A Christovão os escudos?

Com Maforma me puz!

Era "a que marinhoiro

Primeiro

Viisse terra," não luz!

(*VIOLA rindo:*)

— D'este mundo do diabo

Dom Cabral se apossou,

E esta noite d'Arabia

Astrolabia

Desde então se bailou.

(*Novo côro, enternecendo:*)

— Nos rochedos ululam

Na sasião dos cujus,

Amazonas: fagueiros

Guerreiros

Vão pintados e nús.

(*STRAËL pelo amor; NAPOLEÃO esgarreirando réis*

d'Iberia:)

— Bigamo mór, qual pensas

Ser a maior mulher?

— Campo p'ru ser arado,

Ao Estado

A que bravos mais der!

(*D. JOÃO VI, escrevendo a seu flho:*)

Pedro (credo! que sustos!)

Se ha de ao reino empalmar

Algun aventureiro,

O primeiro

Sejas toca a coroar!

(*1.º Patriarcha:*)

— Quem que faz fraca gente,

Calabar-Canario?

Ou santelinos delirios,

Ou sirios

Das gargantas do Cão?

(*2.º Patriarcha:*)

— Bronzeo está no cavallo

Pedro, que é fundador;

É! é! é! Tiradentes,

Sem dentes,

Não tem onde se pôr!

(*O GUESA, rotando:*)

— Eu nasci no deserto,

Sob o sol do equador:

As saudades do mundo,

Do mundo

Diabos levem tal dor!

Das guardas nacionaes os commandantes,

O nobre esclavocrata, que é barão,

Os poetas do amor, minus de amantes,

Alli rendiam pretos á funcção.

Abria aza o juiz do Sorimãus

As donzellinhas não apresentadas:

Como, pois, ao signal que deu Tucháua,
A amor fugirem tão amedrontadas !
Dá fóra um promotor republicano
Vil *capitana* aos mutuns e jecamins,
Que s'elevam gritando n'um insano
Demorçado saltar : mas, nobres fins.
E a multidão apinha-se ao em torno
Amostrando as cabeças nos ubis,
Range abalado o fumarento forno,
A algararra infernal toca os zeniths !

(*Córo das Índias :*)

—Sístoi, rei de flores,
Lindo Temandaré,
Ruge-ruge estas azas
De brazas . . .
Cuidará, ceréré.

(WAYANORICKENS, fumando e assoprando nas

caras :)

—No cachimbo-conselho,
Qual um porco a roncar,
Enroscava olho e rabo
O diabo
Em cornudo sonhar.

(*Sabios olhando do vertice do solar parallaxe pelo*

telescopio do equador :)

—Venus fica, passando
Pelo disco do sol,
Mosca ; o ángulo obtuso,
Confuso

Qual n'um olho um terçol.

(*Aliviçareiras no aretal :*)

—Aos céus sobem estrellas,
Tupan-Caramurú !
E Lindoya, Moema,
Coema,

—É a Paraguasú ;

—Sobem céus as estrellas,
Do festim roscier !
Idalinas, Verbenas

De Athenas,

Corações de mulher ;

—Moreminhas, Consuelos,

Olho-azul Marabás,
Pallidez, Juvenilhas,
Marilhas

Sem Gonzaga Thomaz !

(*Arraia-miúda, nas malhas ; AGASSIZ-UYARA :*)

—Que violentam-se ellipses,
Ora, na ode infernal !

=Venias . . . dias d'entrudo. . .

Mais crudo

Foi do Templo o mangoal.

—Nús, desformes, quebrados,

Nees, rijos, sem dó !

=Venias . . . gyra, Baniua,

A Cariua

Doce mócoróro.

(*Nautas pesando rhymas no rio :*)

—Contrações do Eterno :

Luzes, do pantanal ;

Do lodo, o homem ; das ostras,

As perolas ;

De Stercucio, o rosal.

(*Ve lho HUMAUA, profundo :*)

—Foge de Jurupá,

Caribabé-tim,

Que malino faz festas

Qual estas

E *urari* fez assim !

(*Vate d'EGAS e MURUCUTUTÚ-GUASSÚ arredondando*

os olhos :)

—Pae Humboldt o bebia

Com piedoso sorrir ;

=Mas, se hervada taquara

Dispara,

Cae tremendo o tapi. . . ir ! (*Risadas*).

(*Políticos fóra e dentro :*)

—Viva, povo, a república,

O Cabralia feliz !

=Cadellinha querida,

Rendida,

Sou monarcho-jui . . . iz. (*Risadas*).

—Prole, subdito, herança

De senhor Alfonsim !

D

D'al-rei religião,

Servidão

E o rabicho do Chim !

=Referenda o ministro,

Moderando o-poder :

• Toma, assigas a meu rogo,

Diogo,

Por go no saber leer.

(*BRUTUS do sétimo círculo do Inferno de DANTE :*)

—Oh, será o mais sabio

Cesar, que inda hade vir,

Quem, desoendo do throno,

A seu dono

Diga, ao povo, subir !

(*Innocencio real ; maliciosa população :*)

—Faço-os condes, viscondes,

Fazer mais eu nem sei ;

Tenho muita piedade !

=Saúdado

Temos só de ser rei.

(*Discussão entre os mestres de fórmias e fórmias :*)

—Redondilhas menores . . .

=Per Guilherme e Nassá !

Res, non verba, senhores

Doctores,

Quer d'estados a nau !

(*A índia luz amortecendo ao súpro dos bailadores :*)

—Com tatús quebrafrechas,

Só a vivisección ;

Ou tereis mundo tetrico ;

Ellectrico

Nunca no barraco !

(*Um Uego e um GALLO apagando a última braza e*

concedendo-se duo in uno tatús :)

—São d'electricidade

Tempos, mundo do fim ;

=São as manchas solares,

Dos ares

A alumiar tudo assim !

(*Um delegado em siammas :*)

—Reina a paz em Varsovia :

Mas, a guerra a chegar,

Recrutamos arraus,

Picapaus,

Quando a luz se apagar.

(*Vates suminos :*)

—São as Negras-Agulhas,

São, *secundum Matthæum,*

(Tupungatos tres tombos)

Colombos,

Tamoyosque *que-ineum.*

(NEPTUNUS :)

—Os poetas plagiam,

Desde rei Salomão :

São Deus artes—procream,

Transcream—

Matamed e Sultão.

(*Córo dos beatos paanadores :*)

—Setecentas mulheres,

Mais trezentas, milhar :

Ao ar livre, nos montes,

Nas fontes,

Ou á beira do mar ! (*Risadas*).

(*Vates suminos :*)

—Hade o mundo curvar-se

Ante a trina rasão :

Sol dos Incas p'ras palmas,

P'ras almas

Jeaus-Christo e Platão.

(*Vitulares aguentando o barruão :*)

—Roda, *tyy* ! tyrannus

Do governo central

Qual coroa so em tórno

Do corno—

Apis-deus, carnaval !

(EXCELSIOR :)

—Lém destinos dos povos :

Don Aguirre os conduz

D 2

Mephistós justificados,
Tornados

Dos jesuitas lundús !
• (Beatos psalmódicos :)
— Branca estatus de Byron
Faz cegueira de luz ?
= Breu e brocha á criada !

E borrada :
Ó, ó, ó, Ferraguz ! (Ritadús).

(Psalmódicos impios :)

— Lamartine é sagrado ?

= Se não tem maracás,

Ó, ó, ó ! — vibram arcos

Macacos,

Tatis-Tupinambás.

(Fiducias invocando alheios Eideus :)

— Do Amazonas e o Prata

O divórcio se faz

N'estes campos Parizes

Felizes . . .

Casavel, Satanaz.

(AMAZONAS bellificos melhorando a guesitica

superstição :)

— Terra humana, primeiro.

Deus fez Eva : e então,

Paraiso sendo ella

Tio bella,

Fez o homem Adão.

(Guerretros brancos :)

— Sobre os montes d'incenso

Dois obuzes estão,

Meio do Eden os gomos

Doz pomos,

Fome d'Eva em Adão

(NUMÁVA dependendo o cinturão anthropophag-

e com elle tocando para fora curvada-guesas e cumbá-

tans :)

— Indios corsos, potyria !

Fujam Jurupari !

Xcommungado Victorio,

Infusorio

Do senhor do ururi.

(XEBQUES fargeando ; cunhámicús escondendo ao

GUESA :)

— Que á justiça não fuja ;

Aqui vai . . . acollá . . .

— Que em tatus vos transforme,

D'enorme

Rabo, Fomagatá !

— Com sentença lavrada

E o tal orpham lá está ! . .

= Juises maus, o menino

Divino

D'entre vós surgirá !

(O GUESA desgostoso :)

— N'uma roda de araras

Metta-os Jurupari !

Enquanto eu circunciso,

Sem riso,

Vou chorando d'aqui.

(CURTEIRAS tangendo a vara de queizadada :)

— D'Ezequiel roda d'olhos,

Nisgáras de luz !

Passa o Guesa alto o brado,

Amontado

Na legião dos tatus !

(Virtuosas sem esperança :)

— S'erque um fumo d'enxofre,

Quando o demo se foi :

N'esta calma podrida

Da vida

Ser sem elle é que doe . . . oooo . . .

Majór JONATHAS, philosophando do ventre da

baleia :)

Ora . . . acacias recendiam,

Meia noite dormente !

Quitau ! faz gallo da serra !

Hu ! berra

Sapo-boi na cor . . . rrr . . . entel ! (Susurro).

(Meiga MUNDUCÚ, convidando á ordem :)

— Coitadinha Banius,

Novo cactus de amor,

Chora aos brados da festa

Molesta

• Seu noivado de dor.

(NERTUNUS e EXCELSIOR, discutindo :)

— Hieroglyphos-mosaicos

São, do pepa-maná ;

= Alta lucubração,

Barracão ;

Guarani, Guaraná.

(FOYIPHAR-CATÚ :)

— Tom José róta capa,

Tonto cerebro o sol,

No mar brincam estrelas

Tio bellas

Qual o peixe no anzol.

(Pagé mundrucú, instruindo e bailando :)

— As escravas da lua,

Imazinhas do mar,

Callipygias Cytheras . . .

Devetas,

Anda o Olympto a bailar !

(Sombra de rei THEODORO errando pelo tecto :)

— Vede, cinco de oitubro,

Negro mar em furor,

Sobrenada, n esta arca

Da Parca,

Do Abyssinio o amor !

(Espírito de PATROCLO per BRISEIS stiblando por

baixo da terra :)

— Dos amigos preserva

Teus mimosos tajás ;

Ou o amor, fogo-ardido,

Perdido

• Co' os amigos terás.

(Admirado grupo de virtuosas á porta—côro :)

— O' maridos, o' virgens,

Que honra tendes n'um triz,

Sois da carne e do osso

Do nosso

Rei o franco São Luiz ! !

(Cunhámicúa, respondendo ás virtuosas :)

— Vibram bifidas linguas,

Cantámina e goaimém ;

Fazem côro pistillos

Sybillos,

As commadres de bem.

(Doutos pensativos :)

— Marám nham' despropósito

A correr : táá-opá,

Tacon' morepokitra,

Iby-quara . . .

Berá berab, Maccú !

= Paraná defuindo

Fez a voz maranhá . . .

Raia o sol qual commenda,

Resplenda

Sobr'o imperio da ran !

— Musa paratisiaca

Já no Eden Horiu,

Bunaneira-sciencia,

Sapiencia

Que o Senhor prohibiu.

(SPLX e MARTIUS :)

— Doz seis dias genesicos

Vem toda esta funcção.

= Fuz-se luz, mar e mundo

Rotundo ;

Creator, creação.

(MACCÚ sonhando :)

— Se o amor, vice-versa

Logro do ar, me cansou,

Tupan que mais não crea,

Recreia

Ver que em gózos ficou. (Susurro.)

(Dóctor PURÚPURÚ, dóctor BORÓRÓ :)

— Mais valera castrato,

Nun haver candirú :

= Oh ! tremel d'essa ondina

Que eusina

Ao turyua-tatú !

O' São Pedro de Roma ! o Índio é manso,
Que vai subindo os rios, forasteiro
A fugir das sciencias, qual o ganso
Dos regatões, por entre o cacauaero.
Moderno missionario e desinquista
E corrompe : de Amor é sechritido,
Que em latim não escreve os d'Anchieta
Cantos aos céus ; mas, civilização.

(*Títulos em grande gala :*)

— De ems o beijo, trombejo ;
— No agro, o flagro, o barão !
— Toirarias no globo,

Do lobo,

Da onça, o cabro, o cabrão !

(TIMON D'ATHEIAS não vindo nos cimas o enfra-
quecimento dos povos :)

— Guai ! senhores, Lucullus ?

É de pato este arroz !

Procreais indigestos ;

E honestos

Foram vossos avós !

(ORIELANA á influencia de UYARA ; Martinez
vendados olhos chegando do ELDORADO :)

— Meu compadre, Maçõa

E Manaus ? Hi vereis,

Hi vereis do oiro o imperio !

O imperio

Dos escravos e os réis.

(EL GRAND-KAN nomeando um secretario ; el vizir
das copas explicando a graça :)

— 'Que alvas azas não beta

O cygne d'entre nós.

= Por nos ser do partido,

Querido,

Ha presente esta noz.

(São João não vendo a sanguinaria culpa nos
carapuzas :)

— Co' a Besta apocalypticã

Tu não fornicarás :

Antes coices e billes,

Achilles,

D'ella, nunca os crachás !

(BANDA tritinha :)

— Lá na foz do Madeira

Os velinhos são réus,

Toda a taba cantando,

Dançando.

Alvejando trophéus.

(*Côro das cabeças :*)

— Escanchada nos galhos

Dorme agora Maccu,

Porque os sonhos de Flora

Na aurora

Florescham-lhe o urú . ú . (*Risadas*).

(*Anthrophophago HUMAUA a grandes brados :*)

— Sonhos, flores e fructos,

Chammas do urucari !

Já se fez *cáe-d-ré*,

Jacaré !

Viva Jurupari ! (*Ecurido. Silencio*).

(*Egyptiaca ESPHINGE do deserto :*)

— (Pessoal, não res publica,

Titular . . . lar-titú :

Só em vós crendo o povo :

D'este ovo

Que fazeis ? . . Hu ! Hu ! Hu !)

AUTO ERRATA

ONDE SE LÊ	LEIA-SE
LEIA-SE	ONDE SE LÊ
ONDE SE LÊ	LEIA-SE

CÓDIGO 3 SALVADOR AGOSTO 1978

CAPA:
ARTE TÉCNICA QUIRÚRGICA/JÚLIO PLAZA
LOGOTIPO/AUGUSTO DE CAMPOS

4ª CAPA:
O ENCONTRO DAS ÁGUAS: RIO NEGRO-SOLIMÕES/PEDRO XISTO

ALDO FORTES/AUGUSTO DE CAMPOS/CLEBER TEIXEIRA/DUDA
MACHADO/ERTHOS ALBINO DE SOUZA/HAROLDO DE CAMPOS/
JÚLIO PLAZA/LENORA DE BARROS/ORLANDO RIBEIRO/PAULO
LEMINSKI/PEDRO XISTO/REGINA SILVEIRA/RÉGIS BONVICINO

